

COLLEEN HOOVER

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

O novo romance da autora de *Amor Cruel* e *Confesso*



9 de *novembro*

Das cinzas do pior dia das suas vidas,
eles renascem para o amor.

TOP
SEL
LER

primeiro
9 de novembro

Sou translúcido, aquático.

À deriva, sem rumo.

Ela é uma âncora, afundando no meu mar.

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Pergunto-me que tipo de som faria caso partisse este copo na cabeça dele.

É um copo grosso. A cabeça dele é dura. Tem potencial para um belo baque.

Pergunto-me se sangraria. Estão lenços na mesa, mas não daqueles que possam absorver muito sangue.

— Por isso, sim. Estou um bocado chocado, mas está a acontecer — diz ele.

A sua voz faz com que eu segure melhor o copo, na esperança de que fique na minha mão e não acabe no seu crânio.

— Fallon? — Ele aclara a voz e tenta refrear as palavras, mas estas ainda me atingem como facas. — Vais dizer alguma coisa?

Espeto a palhinha na parte côncava de um cubo de gelo, imaginando que é a cabeça dele.

— O que queres que eu diga? — resmungo, parecendo uma criança malcriada, em vez de um adulto de 18 anos. — Queres que te *felicite*?

As minhas costas encontram a cabine atrás de mim e cruzo os braços. Olho para ele e pergunto-me se o arrependimento que vejo nos seus olhos resulta da minha desilusão ou se está simplesmente a representar de novo. Passaram apenas 5 minutos desde que se sentou, e já virou os holofotes para o seu lado da cabine. Mais uma vez, sou forçada a ser o seu público.

Batuca com os dedos a chávena de café, enquanto me observa em silêncio.

Toc toc toc.

Toc toc toc.

Toc toc toc.

Ele pensa que eu vou acabar por ceder e contar-lhe aquilo que quer ouvir, mas nos últimos dois anos não tem passado tempo suficiente comigo para saber que deixei de ser menina.

Quando me recuso a apreciar o seu desempenho, suspira e deixa cair os cotovelos na mesa.

— Pensei que ficasses feliz por mim.

Abano brevemente a cabeça.

— *Feliz por ti?*

Não pode estar a falar a sério.

Ele contrai os ombros, deixando um sorriso presunçoso apoderar-se da sua expressão já irritante.

— Nunca pensei que fosse capaz de voltar a ser pai.

Deixo escapar uma explosão ruidosa de riso incrédulo.

— Libertar esperma para dentro da vagina de uma rapariga de 24 anos não faz de ti um pai — atiro, com alguma amargura.

O sorriso presunçoso desaparece. Ele recosta-se e inclina a cabeça para o lado. A inclinação da cabeça era a sua imagem de marca sempre que não sabia bem como reagir no ecrã. «Simplesmente dá ares de que contempas algo profundo e isso passará por qualquer emoção. Triste, introspetiva, arrependida, complacente.» Não se deve recordar de que foi meu professor de representação durante quase toda a minha vida, e que esta expressão facial foi uma das primeiras que me ensinou.

— Achas que não tenho o direito de me chamar pai? — Parece ter ficado ofendido com a minha resposta. — Então, para ti sou o quê?

Encaro esta como uma pergunta de retórica e espeto novamente a palhinha noutra cubo de gelo. Coloco-o habilmente na minha

palhinha e depois deixo-o deslizar para a boca. Mordo-o, mastigo-o ruidosamente e com indiferença. Não tem sido um «pai» desde aquela noite em que, com apenas 16 anos, a minha carreira artística chegou a um impasse. Se for honesta comigo mesma, não estou certa, de qualquer forma, de poder considerá-lo um pai mesmo *antes* daquela noite. Éramos mais professor de representação e aluna.

Uma das suas mãos encontra o caminho entre os folículos capilares implantados que lhe alinham a testa.

— Porque é que estás a fazer isto? — Está cada vez mais irritado com a minha atitude. — Ainda estás chateada por eu não ter aparecido no teu dia de finalista? Já te disse que tive um conflito de calendário.

— Não — retorqui com calma. — Nem sequer te *convidei*.

Ele recua, olhando-me com incredulidade.

— Porque não?

— Só tinha quatro bilhetes.

— *E?* — diz. — Sou o teu pai. Por que raio não me convidarias para o teu dia de finalista do secundário?

— Não virias.

— Não sabes disso — dispara.

— Não *vieste*.

Revira os olhos.

— Pois claro que não, Fallon. Não fui *convidado*.

Solto um suspiro profundo.

— És mesmo difícil. Agora já sei porque é que a mãe te deixou.

Abana levemente a cabeça.

— A tua mãe deixou-me porque fui para a cama com a melhor amiga dela. A minha personalidade não teve nada que ver com isso.

Nem sei o que responder. O homem não tem quaisquer remorsos. Tanto ódio como inveja esta característica. De certo modo, gostava de ser mais como ele do que como a minha mãe. Não tem consciência dos seus muitos defeitos, ao passo que os meus são

centrais na minha vida. Os meus defeitos são aquilo que me acorda de manhã e me mantém acordada todas as noites.

— Quem pediu o salmão? — pergunta o empregado de mesa. O momento não podia ser mais apropriado.

Levanto a mão e ele coloca o prato diante de mim. Já nem tenho apetite, pelo que remexo o arroz com a faca.

— Ei, só uma coisa — olho para o empregado, mas não se dirige a mim. Olha fixamente para o meu pai.

— O senhor por acaso é

Céus. Aqui vamos nós.

O empregado bate com a mão na mesa e assusto-me.

— É *sim!* É o Donovan O’Neil! Fez de Max Epcott!

O meu pai encolhe modestamente os ombros, mas eu sei que não há nada de modesto naquele homem. Embora não tenha desempenhado o papel de Max Epcott desde que o programa saiu do ar há dez anos, ainda age como se fosse a melhor a coisa na televisão. As pessoas que o reconhecem são o motivo pelo qual ainda responde desta maneira. Agem como se nunca tivessem visto um ator na vida. Pelo amor de Deus, estamos em Los Angeles! Aqui todos são atores!

O meu desejo de apunhalar alguma coisa persiste, enquanto trespasso o salmão com a faca, mas então o empregado interrompe para me pedir que os fotografe aos dois.

Suspiro.

Saio contrariada da cabine. Estende-me o telefone para a fotografia, mas levanto a mão em protesto e passo por ele.

— Preciso de ir à casa de banho — murmuro, afastando-me da cabine. — Tire uma *selfie* com ele. Ele adora *selfies*.

Apresso-me para a casa de banho na esperança de encontrar um momento de alívio em relação ao meu pai. Não sei porque lhe perguntei se queria encontrar-se comigo hoje. Porventura porque me vou embora e não o verei por um tempo longo e indeterminado, mas isso nem sequer é boa desculpa para me colocar nesta

situação. Abro a porta do primeiro compartimento. Fecho-a e tiro uma proteção de assento do dispensador e coloco-a sobre a sanita.

Uma vez li um estudo sobre bactérias em casas de banho públicas. Descobriu-se que o primeiro compartimento era sempre aquele que tinha menos bactérias. As pessoas presumem que o primeiro é o mais usado, pelo que nunca entram. Eu não. É o único que uso. Não fui sempre misofóbica, mas ter passado dois meses no hospital aos 16 anos deixou-me um pouco obsessivo-compulsiva quando se trata de higiene.

Quando acabo de usar a casa de banho, demoro no mínimo um minuto a lavar as mãos. Não tiro a vista delas, recusando-me a olhar ao espelho. Evitar o meu reflexo torna-se cada vez mais fácil, mas ainda me vislumbro quando alcanço a toalha de papel. Por mais vezes que me tenha olhado ao espelho, ainda não me habituei ao que vejo.

Levanto a mão esquerda e toco nas cicatrizes que me percorrem o lado esquerdo do rosto, sobre o maxilar e pelo pescoço. Desaparecem sob o colarinho da minha camisa. No entanto, debaixo da roupa, as cicatrizes percorrem todo o lado esquerdo do meu tronco, terminando pouco acima da cintura. Percorro os dedos pelas zonas de pele que agora se assemelham a couro enrugado. Cicatrizes que me recordam constantemente de que o fogo foi real e não apenas um pesadelo de que me possa livrar com um beliscão no braço.

Depois do incêndio, fiquei vários meses com ligaduras, incapaz de tocar na maior parte do corpo. Agora que as queimaduras sararam e restam as cicatrizes, dou por mim a tocar nelas obsessivamente. As cicatrizes parecem veludo esticado, e seria normal sentir-me tão revoltada pela sensação como pela aparência. No entanto, por acaso, até gosto da sensação ao toque. Dou por mim quase sempre distraída a percorrer os dedos pelo pescoço e pelo braço, lendo o braile na minha pele, até me aperceber do que estou a fazer e interromper. Não devia gostar de nenhum aspeto daquilo que me arruinou a vida, mesmo que se trate da sensação que dá aos dedos.

O *aspeto* é outra coisa. Como se cada um dos meus defeitos tivesse sido coberto de luzes cor-de-rosa, colocados em exposição para que o mundo inteiro os pudesse ver. Por mais que os tente esconder com o cabelo e a roupa, estão lá. Estarão lá para sempre. Uma recordação constante da noite que destruiu as melhores partes do meu ser.

Não sou do tipo que se concentre em datas ou aniversários, mas quando despertei esta manhã, a data de hoje foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça, provavelmente porque foi o último pensamento que tive antes de adormecer na noite anterior. Já passaram dois anos desde o dia em que a casa do meu pai foi engolida pelo fogo que quase me tirou a vida. Talvez seja por isso que quis encontrar-me hoje com o meu pai. Talvez tivesse esperança de que se lembraria, de que dissesse algo reconfortante. Sei bem que já pedi desculpas suficientes, mas poderei realmente perdôá-lo por se ter esquecido de mim?

Em média, ficava em sua casa uma vez por semana. No entanto, naquela manhã, enviei-lhe uma mensagem para o informar de que naquela noite dormiria na sua casa. Era normal pensar, portanto, que quando o meu pai pegasse fogo à casa por acidente, viria em meu auxílio enquanto eu dormia.

Porém, isso não só não aconteceu, como se esqueceu de que eu estava lá. Ninguém sabia que estava alguém em casa até me ouvirem gritar do segundo andar. Sei que sente muitos remorsos pelo sucedido. Durante várias semanas, pediu-me desculpa sempre que me viu, mas as desculpas tornaram-se tão raras quanto as suas visitas e telefonemas. Ainda guardo um enorme ressentimento, ainda que deseje que se desvaneça. O incêndio foi um acidente. Sobrevivi. Tento concentrar-me nesses dois aspetos, mas é difícil quando penso nisso sempre que me vejo ao espelho.

Penso nisso sempre que alguém olha para mim.

Abre-se a porta da casa de banho e entra uma mulher. Olha para mim e desvia logo o olhar ao dirigir-se ao último compartimento.

Devia ter escolhido o primeiro, minha senhora.

Olho-me mais uma vez ao espelho. Costumava usar o cabelo por cima dos ombros com uma franja recortada, mas nos últimos dois anos cresceu bastante. Há um motivo para isso. Passo os dedos pelos longos e escuros fios de cabelo que treinei para cobrir a maior parte do lado esquerdo do meu rosto. Puxo a manga esquerda até ao pulso e em seguida subo o colarinho para cobrir quase todo o pescoço. Assim, as cicatrizes mal se veem, e quase tolero olhar-me ao espelho.

Antes, pensava que era bonita. Porém, agora, o cabelo e a roupa apenas cobrem uma parte das cicatrizes.

Ouço a descarga de uma sanita, pelo que me viro rapidamente e me dirijo à porta antes de a mulher sair do compartimento. Faço o que posso para evitar pessoas a maior parte do tempo, não por medo de que vejam as cicatrizes. Evito-as precisamente por *não* olharem para elas. Quando reparam em mim, não demoram a desviar o olhar, pois receiam parecer malcriadas ou críticas. Seria bom que ao menos uma vez alguém me olhasse nos olhos e fixasse o olhar. Há tanto tempo que isso não acontece. Detesto admitir que sinto falta da atenção que costumava ter, mas sinto.

Saio da casa de banho e regresso à cabine, desiludida por ver que o meu pai ainda lá estava. Tinha a esperança de que houvesse alguma emergência que exigisse a sua presença enquanto eu estava na casa de banho.

É triste que prefira ser recebida por uma cabine vazia a ser recebida pelo meu próprio pai. A ideia quase me faz franzir o sobrolho, mas sou de repente distraída pelo tipo sentado na cabine pela qual passo.

Não costumo reparar nas pessoas, na medida em que fazem tudo o que podem para evitar cruzar o olhar com o meu. No entanto, o olhar deste tipo é intenso e curioso.

Ao vê-lo, a primeira coisa que penso é: *Se ao menos isto se tivesse passado há dois anos.*

Penso isso muitas vezes quando me cruzo com homens que me atraem. E este tipo é definitivamente giro. Não do género tradicional hollywoodesco, como é costume na maioria dos homens que habitam esta cidade. Esses são todos parecidos uns com os outros, como se houvesse um molde perfeito para um ator bem-sucedido onde todos querem caber.

Este tipo é exatamente o oposto. A barba por fazer não é uma obra de arte simétrica e intencional. É, pelo contrário, manchada e desigual, como se tivesse passado a noite a trabalhar e não tivesse tido tempo de fazer a barba. Não tem o cabelo estilizado com gel para lhe dar aquele aspeto mal-arranjado de quem acabou de acordar. O cabelo deste tipo é realmente mal-arranjado. Fios de cabelo cor de chocolate varrem-lhe a testa, alguns deles erráticos e selvagens. É como se tivesse acordado atrasado para um encontro e estivesse com demasiada pressa para sequer olhar-se ao espelho. Tal aparência descuidada deveria ser motivo de repulsa, mas foi isso que achei estranho. Apesar de parecer não ter um pingo de preocupação com o seu aspeto, é um dos homens mais atraentes que vi na vida.

Creio eu.

Isto poderia ser apenas um efeito secundário da minha obsessão com a limpeza. Talvez anseie tanto o género de descuido exibido por este tipo, que confundo inveja com fascínio.

Talvez possa também pensar que é giro apenas porque é uma das poucas pessoas nos últimos dois anos que não desviou imediatamente o olhar quando os nossos olhares se cruzaram.

Ainda tenho de passar pela sua mesa para chegar à minha cabine por detrás da dele, e não consigo decidir se desejo apressar-me para que deixe de olhar para mim, ou se devo andar devagar para que possa apreciar a sua atenção.

Ele mexe-se quando me aproximo, e o seu olhar torna-se excessivo. Demasiado invasivo. Sinto as bochechas corar e um formigueiro na pele, pelo que baixo o olhar para os meus pés e permito que o cabelo me caia sobre a cara. Chego até a puxar um pedaço

de cabelo para a boca a fim de a esconder da sua vista. Não sei por que razão o seu olhar me põe desconfortável, mas põe. Momentos antes, pensava na falta que sinto de ser olhada, mas, agora que acontece, apenas quero que tire a vista de cima de mim.

Mesmo antes de ele sair da minha visão periférica, olho na sua direção e percebo um ténue sorriso.

Não deve ter reparado nas minhas cicatrizes. Será o único motivo pelo qual um homem como aquele sorriria para mim.

ARGH. Fico irritada por pensar assim. Antes eu era diferente. Costumava ser confiante, mas o fogo derreteu qualquer laivo de autoestima que tinha. Tentei recuperá-la, mas custa acreditar que alguém me ache bonita quando nem me consigo olhar ao espelho.

— Nunca me farto daquilo — diz-me o meu pai, quando volto à cabine.

Olho para ele, quase esquecida de que estava ali.

— Nunca te fartas do quê?

Apona a faca ao empregado de mesa, que agora se encontra junto à caixa registadora.

— Daquilo, de ter fã — responde, enfiando um bocado de comida na boca e recomeçando a falar de boca cheia. — Então e querias falar comigo sobre o quê?

— O que te faz pensar que queria falar contigo sobre algo em particular?

Gesticula sobre a mesa.

— Estamos a almoçar juntos. É evidente que precisas de me contar alguma coisa.

É triste que a nossa relação tenha chegado a este ponto. Saber que um simples encontro para almoço tem de ser mais do que somente uma filha que quer ver o pai.

— Amanhã mudo-me para Nova Iorque. Bem, na verdade, hoje à noite. Mas o voo é tarde e só aterro oficialmente no dia 10.

Ele pega no guardanapo e cobre a tosse. Creio que seja tosse. Decerto que a novidade não o fez engasgar-se com a comida.

— Nova Iorque? — gagueja.

E então ri-se. *Ri-se*. Como se viver em Nova Iorque fosse uma piada. *Fica tranquila. Fallon. O teu pai é um imbecil. Isso já tu sabias.*

— Mas por que raio? *Porquê?* O que há em Nova Iorque? — As suas perguntas não param de chegar enquanto processa a informação. — E, por favor, não me digas que conhecestes alguém online.

Começo a ficar nervosa. Não pode ao menos *fingir* que apoia alguma das minhas decisões?

— Quero mudar de ritmo. Estava a pensar que poderia fazer uma audição na Broadway.

Quando eu tinha 7 anos, o meu pai levou-me a ver o *Cats*, na Broadway. Foi a primeira vez que estive em Nova Iorque e foi uma das melhores viagens da minha vida. Até então, sempre me pressionou a tornar-me atriz. Mas só depois de ver aquele espetáculo ao vivo é que soube que *tinha* de ser atriz. Nunca tive oportunidade de seguir teatro, porque o meu pai ditava cada passo da minha carreira e gosta mais de cinema. No entanto, já se passaram dois anos desde que fiz alguma coisa por mim. Não sei se tenho coragem para fazer audições em breve, mas tomar a decisão de me mudar para Nova Iorque é uma das coisas mais proativas que fiz desde o incêndio.

O meu pai toma uma bebida e, depois de pousar o copo, deixa cair os ombros, com um suspiro.

— Fallon, ouve. Sei que tens saudades de representar, mas não achas que chegou a hora de tentares outras opções?

Estou agora tão nas tintas para os seus motivos, que nem sequer menciono o monte de tretas que me arremessou. Durante a minha vida inteira, tudo o que fez foi pressionar-me a seguir os seus passos. Depois do incêndio, o seu encorajamento acabou. Não sou nenhuma idiota. Sei que pensa que já não tenho o que é preciso para voltar a ser atriz, e parte de mim sabe que tem razão. Em Hollywood, a aparência é muito importante.

É precisamente por isso que quero mudar-me para Nova Iorque. Se quero voltar a representar, o teatro é a minha melhor esperança.

Gostava que ele não fosse tão transparente. A minha mãe ficou radiante quando lhe contei que me queria mudar. Desde que acabei o secundário, e desde que fui viver com a Amber, raramente saio do apartamento. A minha mãe ficou triste por saber que me ia embora, mas feliz por ver que estava disposta a sair dos confins não só do apartamento mas de todo o estado da Califórnia.

Gostava que o meu pai percebesse quão importante é o passo que vou dar.

— O que aconteceu àquele trabalho de narração? — pergunta.

— Ainda estou com eles. Os audiolivros são gravados em estúdio. Existem estúdios em Nova Iorque.

Revira os olhos.

— Infelizmente.

— Que mal têm os audiolivros?

Atira-me um olhar de descrença.

— Para além do facto de que narrar audiolivros é considerado a latrina da representação? Fallon, consegues melhor que isso. Bolas, entra na universidade ou algo assim.

Cai-me a alma aos pés. Pensava eu que ele não podia ser mais centrado em si próprio.

Para de mastigar e olha diretamente para mim quando se apercebe do que insinuou. Limpa rapidamente a boca com o guardanapo e aponta para mim.

— Sabes bem que não era isso que eu queria dizer. Não digo que te reduziste aos audiolivros. O que digo é que podes encontrar uma carreira melhor que essa, agora que já não podes mais representar. A narração não dá muito dinheiro. Aliás, nem a Broadway.

Ele diz *Broadway* como se fosse veneno na sua boca.

— Para tua informação, existem muitos atores respeitáveis que narram audiolivros. E precisas que te informe dos atores conceituados que estão na Broadway? Tenho o dia todo.

Ele cede, abanando a cabeça, embora eu saiba que na realidade não concorda comigo. Apenas se sente mal por ter insultado uma das poucas carreiras relacionadas com a representação que sou capaz de seguir.

Leva o copo vazio de água à boca e inclina suficientemente a cabeça para sorver um pouco do gelo derretido.

— Água — diz, abanando o copo no ar até o empregado acenar e dirigir-se à mesa para encher o copo.

Volto a espetar o garfo no salmão, que arrefeceu. Espero que isto termine logo depois de comer, pois não sei se consigo aguentar muito mais este encontro. A única sensação de alívio que sinto neste momento é saber que amanhã a esta hora estarei na outra costa do país. Mesmo trocando o sol pela neve.

— Não façam planos para meados de janeiro — diz, mudando de assunto. — Preciso que venhas a Los Angeles durante uma semana.

— Porquê? O que vai acontecer em janeiro?

— O teu velho vai casar-se.

Aperto a parte de trás da cabeça e olho para o meu colo.

— Matem-me já.

Sinto uma pontada de culpa, pois, por mais que deseje que agora alguém me mate realmente, não queria ter proferido aquelas palavras em voz alta.

— Fallon, só a podes julgar depois de a conheceres.

— Não preciso de a conhecer para saber que não vou gostar dela — digo. — Afinal de contas, vai casar-se contigo.

Tento disfarçar a verdade nas minhas palavras com um sorriso sarcástico, mas estou certa de que sabe que quis dizer cada palavra que proferi.

— Caso te tenhas esquecido, a tua mãe também escolheu casar-se comigo, e pelos vistos gostas bastante dela — atira ele.

Com essa apanhou-me nas curvas.

— Bravo. Mas em minha defesa posso dizer que este é o teu quinto pedido em casamento desde os meus 10 anos.

— Mas é só a terceira mulher — clarifica.

Afundo enfim o garfo no salmão e dou uma dentada.

— Dás-me vontade de desistir dos homens para sempre — digo, de boca cheia.

Ele ri-se.

— Não deve ser problema para ti. Pelo que sei, só tiveste um encontro até agora, e já lá vão mais de dois anos.

Engulo o pedaço de salmão de uma vez.

A sério? Onde estava eu quando destinavam pais decentes? Por que razão tive de ficar presa a este imbecil obtuso?

Pergunto-me quantas vezes já pôs o pé na argola neste almoço. É melhor ter cuidado ou ainda apanha pé de atleta. Ele não sabe mesmo que dia é hoje. Se soubesse, teria mais cuidado com a língua.

Percebo, no sulco repentino da sua testa, que tenta construir uma desculpa para o que acabou de dizer. Decerto que não queria dizer exatamente aquilo, mas isso não me impede de querer retaliar com as minhas próprias palavras.

Ponho o cabelo para trás da orelha esquerda, revelando as cicatrizes enquanto o olho diretamente nos olhos.

— Pois, pai, não tenho a mesma atenção dos rapazes como antes. Sabes bem, antes de *isto* acontecer.

Passo a mão pelo rosto, já arrependida das palavras que me saíram da boca.

Porque é que desço sempre ao seu nível? Sou melhor do que isto.

Ele baixa o olhar da minha cara para a mesa.

Na verdade, parece ter remorsos, e eu coloco a hipótese de abandonar a amargura e ser mais simpática com ele. No entanto, antes que saia algo simpático da minha boca, o tipo na cabine por trás do meu pai levanta-se, e a minha capacidade de atenção desaparece. Tento novamente tapar a cara com o cabelo, antes que se vire, mas é tarde demais. Já me olha outra vez.

Ainda apresenta o mesmo sorriso que me lançou antes, mas desta vez não desvio o olhar. Na verdade, o meu olhar não larga o dele

enquanto se dirige à nossa cabine. Antes que possa reagir de alguma maneira, já se senta junto a mim.

Chiça, que está ele a fazer?

— Desculpa o atraso, querida — diz, pondo o braço sobre o meu ombro.

Ele acabou de me chamar querida. Este tipo qualquer acabou de me abraçar e chamar-me querida.

Mas o que se está a passar?

Olho para o meu pai, pensando que poderá estar envolvido de alguma maneira, mas olha para o estranho ao meu lado provavelmente ainda com mais incredulidade do que eu.

Fico hirta debaixo do seu braço quando sinto os seus lábios pressionados contra a parte lateral da minha cabeça.

— Porra para este trânsito de Los Angeles — resmunga.

Este tipo qualquer acabou de me beijar o cabelo.

O que é que.

Se está.

A passar.

O tipo estende a mão sobre a mesa para alcançar a mão do meu pai.

— Sou o Ben — diz. — Benton James Kessler. Namorado da sua filha.

Da sua filha... o quê?

O meu pai retribui o aperto de mão. De certeza que tenho a boca aberta, pelo que a fecho de imediato. Não quero que o meu pai saiba que não faço ideia de quem se trata. Também não quero que este tal de Benton pense que o meu queixo chega ao chão porque quero a sua atenção. Só olho desta maneira porque bem porque é evidente que se trata de um louco.

Ele liberta a mão do meu pai e recosta-se no assento. Pisca-me o olho e debruça-se sobre mim, aproximando a boca da minha orelha o suficiente para se arriscar a levar um murro.

— Entra no jogo.

Recosta-se de novo, ainda sorridente.

Entra no jogo?

Mas o que é isto, a sua tarefa das aulas de improvisação?

E então cai-me a ficha.

Ele ouviu toda a nossa conversa. Deve estar a fingir ser meu namorado para o atirar à cara do meu pai.

Hum. Acho que gosto do meu novo namorado a fingir.

Agora que sei que está a enganar o meu pai, sorrio para ele com afeto.

— Achei que não conseguirias vir.

Inclino-me para ele e olho para o meu pai.

— Querida, sabes bem que queria conhecer o teu pai. Quase nunca tens oportunidade de te encontrares com ele. Não há trânsito no mundo que me pudesse impedir de aparecer hoje.

Atiro-lhe um sorriso de satisfação. O Ben também deve ter um pai imbecil, pois parece saber exatamente o que dizer.

— Peço desculpa — diz o Ben, concentrando-se novamente no meu pai. — Não me lembro do seu nome.

O meu pai já olha para o Ben com desaprovação. *Céus, estou a adorar.*

— Donovan O'Neil — responde o meu pai. — Talvez já conheça o nome. Eu era o protagonista de...

— Não — interrompe o Ben. — Não me diz nada — Volta-se para mim e pisca-me o olho. — Mas a Fallon já me falou muito sobre si. — Belisca-me o queixo e olha para o meu pai. — E já que falamos da nossa menina, o que acha de ela se mudar para Nova Iorque? — Olha para mim e franze as sobrancelhas. — Não quero que o meu docinho de coco vá para outra cidade, mas se isso significar que está a seguir os seus sonhos, serei o primeiro a garantir que entra no avião.

Docinho de coco? Tem sorte em ser o meu namorado falso, pois tenho vontade de lhe esmurrar os tomates por essa alcunha de mau gosto.

O meu pai aclara a voz, evidentemente desconfortável com o nosso recente convidado de almoço.

— Consigo pensar nalguns sonhos que uma rapariga de 18 anos possa seguir, mas Broadway não é um deles, sobretudo com a carreira que já tem. Na minha opinião, Broadway é um passo atrás.

Ben ajusta-se no assento. Cheira mesmo muito bem. Acho eu.

Já passou tanto tempo desde a última vez que me sentei perto de um rapaz, pode ser que tenha um cheiro normal.

— Ainda bem que tem 18 anos — replica o Ben. — As opiniões parentais sobre o que faz com a sua vida não importam muito nesta altura.

Sei que está a representar, mas nunca ninguém me defendeu assim. Faz com pareça que os pulmões pararam de funcionar. *Pulmões estúpidos.*

— Não é uma simples opinião quando vem de um profissional da indústria — diz o meu pai. — É um facto. Estou há tempo suficiente nesta profissão para saber quando alguém precisa de se afastar.

Volto a cabeça na direção do meu pai ao mesmo tempo que o braço do Ben se retrai à volta dos meus ombros.

— Afastar-se? — diz o Ben. — Acabou de dizer, *em voz alta*, que a sua filha tem de desistir?

O meu pai revira os olhos e cruza os braços sobre o peito enquanto olha para o Ben. Este tira o braço dos meus ombros e imita os movimentos do meu pai, também o olhando fixamente.

Céus, como isto é desconfortável. E tão espetacular. Nunca vi o meu pai agir assim. Nunca o vi desgostar de alguém instantaneamente.

— Ouça, *Ben* — diz o seu nome com grande antipatia. — A Fallon não precisa que lhe encha a cabeça com disparates só porque está entusiasmado com a perspectiva de receber uma chamada erótica da Costa Este.

Meu Deus. O meu pai acabou de me referir como chamada erótica? Fico boquiaberta enquanto prossegue.

— A minha filha é inteligente. É forte. Aceita que a carreira pela qual lutou a vida inteira está fora de questão agora que — Vira a mão para mim. — Agora que ela...

É incapaz de terminar a sua própria frase, e deixa o arrependimento apoderar-se da cara. Sei exatamente o que está prestes a dizer. Não tem dito outra coisa nos últimos dois anos.

Há dois anos, eu era uma das maiores estrelas ascendentes entre as atrizes adolescentes, e quando o fogo me queimou a beleza, o estúdio terminou o meu contrato. Penso que lamenta mais a ideia de ter deixado de ser pai de uma atriz do que lamenta quase ter perdido a filha num incêndio provocado por um descuido seu.

Assim que me cancelaram o contrato, nunca mais falámos da possibilidade de vir a ser atriz. Na verdade, deixámos, se virmos bem as coisas, de falar. Passou de ser um pai que passava dias inteiros comigo no estúdio durante um ano e meio, para ser um pai que talvez veja uma vez por mês.

Macacos me mordam se ele não termina o que estás prestes a dizer. Há dois anos que espero que admita que é pelo meu aspeto que deixei de ter uma carreira. Até hoje não passou de uma suposição silenciosa. Nunca falamos dos motivos pelos quais deixei de representar. Apenas falamos do facto de *não* representar. E quando o fizer, será agradável ouvi-lo admitir que o incêndio também destruiu a nossa relação. Não faz ideia de como ser um pai para mim, agora que deixou de ser o meu professor e agente de representação.

Estreito os meus olhos na sua direção.

— Termina a tua frase, pai.

Abana a cabeça, tentando fazer esquecer o assunto por completo. Arqueio uma sobrancelha, desafiando-o a continuar.

— Queres mesmo fazer isso agora?

Olha na direção do Ben, na esperança de usar o meu namorado a fingir como intermediário.

— Por acaso, quero.

O meu pai fecha os olhos e suspira profundamente. Quando os abre de novo, debruça-se para a frente e cruza os braços sobre a mesa.

— Sabes que te considero linda de morrer, Fallon. Para de distorcer as minhas palavras. É esta indústria que tem padrões mais exigentes do que aqueles que tem um pai, e tudo o que podemos fazer é aceitá-lo. Na verdade, pensei que *tivéssemos* aceitado — diz ele, desviando o olhar na direção do Ben.

Mordo o interior da minha bochecha para evitar dizer algo de que me venha a arrepender. Sempre soube a verdade. Quando me vi pela primeira vez ao espelho no hospital, soube logo que tudo terminara. Mas ouvir o meu pai admitir em voz alta que também considera que devo parar de seguir os meus sonhos é mais do que estava à espera.

— Uau — murmura o Ben baixinho. — Isso foi... — Olha para o meu pai e abana a cabeça em jeito de desaprovação. — O senhor é o *pai* dela.

Se não soubesse o que se passava, diria que o sorriso na cara do Ben é genuíno, e que não está apenas a representar.

— Exatamente, sou o *pai* dela. Não sou a mãe, que lhe diz os maiores disparates só para a fazer sentir-se melhor. Nova Iorque e Los Angeles estão repletas de milhares de raparigas que seguem o mesmo sonho que a Fallon tem seguido a vida inteira. Raparigas de enorme talento. Lindíssimas. A Fallon sabe que eu acredito que tem mais talento do que elas todas juntas, mas também é realista. Todos têm sonhos, mas, infelizmente, ela deixou de ter as ferramentas necessárias para alcançar os seus. Tem de aceitar isso antes de desperdiçar dinheiro numa mudança de cidade que não fará nada de jeito à sua carreira.

Cerro os olhos. Quem quer que tenha dito que a verdade dói estava a ser otimista. A verdade é uma cabra extremamente dolorosa.

— Meu Deus, o senhor é inacreditável — diz o Ben.

— E você é irrealista — riposta o meu pai.

Abro os olhos e dou uma cotovelada no braço do Ben, fazendo-o saber que quero sair da cabine. Já não aguento mais.

O Ben não se mexe. Em vez disso, desliza a mão sob a mesa e agarra-me o joelho, pedindo-me que fique sentada.

A minha perna fica tensa sob o seu toque, uma vez que o meu corpo envia sinais contraditórios ao meu cérebro. Neste momento, estou irritada com o meu pai. *Tão irritada*. Contudo, de alguma maneira, sinto-me confortada por este estranho que me defende sem razão aparente. Quero gritar e sorrir e chorar, mas, acima de tudo, apenas quero algo para comer, pois agora estou com fome e gostava de ter o *salmão quente*, porra!

Tento relaxar a perna para que o Ben não sinta quão tensa estou, mas é o primeiro tipo em muito tempo a tocar-me fisicamente. Para ser honesta, é um pouco estranho.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Sr. O'Neil. O Johnny Cash tinha lábio leporino?

O meu pai está calado. Eu também estou calada, esperando que haja um motivo para a pergunta aleatória do Ben. Estava a ir muito bem até começar a falar de cantores *country*.

O meu pai olha para o Ben como se este fosse louco.

— Mas que raio tem que ver um cantor *country* com esta conversa?

— Tem tudo — responde logo o Ben. — E não, não tinha. No entanto, o ator que o representou em *Walk the Line* tem uma cicatriz muito proeminente na cara. O Joaquin Phoenix até foi nomeado para um Oscar por esse papel.

O meu coração bate mais forte quando me apercebo do que está a fazer.

— E o Idi Amin? — pergunta o Ben.

O meu pai revira os olhos, aborrecido com o género de perguntas.

— O que tem?

— Não era estrábico, mas o ator que o representou, Forest Whitaker, é. Mais um nomeado para Oscar, o que é engraçado. E vencedor.

É a primeira vez que vi alguém pôr o meu pai no seu lugar. Ainda que toda esta conversa me cause desconforto, não estou assim tão desconfortável para não apreciar este raro e belo momento.

— Parabéns — diz o meu pai ao Ben, pouco impressionado. — Acabou de dar dois exemplos entre milhões que falharam.

Tento não levar as palavras do meu pai a peito, mas é difícil. Sei que isto se tornou mais uma luta de poder entre eles os dois, e menos sobre eu e o meu pai. Desilude-me bastante que prefira vencer uma discussão contra um estranho a defender a própria filha.

— Se a sua filha é talentosa como diz, não deveria encorajá-la a não desistir dos sonhos? Por que razão quer que ela veja o mundo como você o vê?

O meu pai fica tenso.

— E como acha, Sr. Kessler, que eu vejo o mundo?

O Ben encosta-se ao assento sem desviar o olhar do meu pai.

— Através dos olhos fechados de um arrogante imbecil.

O silêncio que se segue é como a calma antes da tempestade. Espero que um deles dê o primeiro murro, mas o meu pai limita-se a tirar a carteira do bolso. Atira dinheiro para cima da mesa e depois olha diretamente para mim.

— Posso ser demasiado honesto, mas se preferes ouvir disparates, então este idiota é perfeito para ti — diz, deslizando para fora da cabine. — Aposto que a tua mãe o adora — resmunga.

As suas palavras envergonham-me e desejo ardentemente retribuir-lhe um insulto. Um insulto tão épico que lhe ferisse o ego por vários dias. O único problema quanto a isso é que não há nada que se possa dizer que fira um homem sem coração.

Em vez de lhe gritar alguma coisa enquanto sai do restaurante, simplesmente fico sentada em silêncio.

Com o meu namorado a fingir.

Este deve ter sido o momento mais estranho e humilhante da minha vida.

Assim que sinto a primeira lágrima, empurro o braço do Ben.
— Tenho de sair — sussurro. — Por favor.

Ele desliza para fora da cabine, e eu mantenho a cabeça baixada quando me levanto e passo por ele. Não me atrevo a olhá-lo nos olhos ao dirigir-me novamente à casa de banho. Já me sinto suficientemente envergonhada por ter sentido necessidade de ele fingir ser meu namorado. Mas depois entrei na onda e tive a maior discussão de sempre com o meu pai mesmo à sua frente.

Se eu fosse o Benton James Kessler, nesta altura já me teria deixado, a fingir.

Ben

Ponho a cabeça nas mãos enquanto espero que regresse da casa de banho.

Na verdade, devia ir-me embora.

Contudo, não quero ir-me embora. Sinto que assaltei o seu dia com a cena que representei com o seu pai. Por mais brando que tenha tentado ser, não entrei na vida desta rapariga com a graça discreta de uma raposa. Invadi-a com a subtileza de um elefante de sete toneladas.

Por que motivo senti necessidade de intervir? Por que razão achei que ela não era capaz de lidar com o pai? Neste momento, está provavelmente irritada comigo, e só somos namorados a fingir há meia hora.

É por isso que escolhi não ter namoradas reais. Nem sei fingir sem começar uma discussão.

Mas por acaso acabei de mandar vir para ela um prato de salmão, pelo que isso talvez compense pelos danos provocados.

Ela sai por fim da casa de banho, mas assim que me vê ainda sentado na cabine, faz uma pausa. A confusão no seu rosto evidencia que estava certa de que eu não estaria aqui quando regressasse à mesa.

Eu *devia* ter ido embora. Devia ter ido embora há meia hora.

Podia, devia, teria.

Levanto-me e faço-lhe sinal para se sentar. Olha-me com desconfiança ao sentar-se. Estico o braço para a outra cabine e pego no

meu portátil, no meu prato e na minha bebida. Coloco-os sobre a mesa dela e depois ocupo o lugar onde momentos antes se sentava o imbecil do seu pai.

Ela olha para a mesa, provavelmente perguntando-se para onde terá ido o seu prato.

— Estava frio — digo-lhe. — Pedi ao empregado que te trouxesse outro.

Ela ergue o olhar para o meu, mas não mexe a cabeça. Não esboça um sorriso nem agradece. Limita-se a... mirar-me.

Trinco o meu hambúrguer e começo a mastigar.

Sei que não é tímida. Percebi, pela forma como falou com o pai, que tem ousadia, pelo que estou um pouco confuso com o seu silêncio. Engulo o pedaço mastigado do hambúrguer e dou um gole no meu refrigerante, fitando-a silenciosamente o tempo todo. Gostava de poder dizer que preparo uma desculpa brilhante, mas não é verdade. Parece que tenho uma mente focada, e neste momento foco-me nas duas únicas coisas em que não me devo focar.

Nas suas mamas.

Ambas.

Eu sei. Sou ridículo. Mas se vamos estar aqui a olhar um para o outro, seria bom que ela mostrasse um pouco de decote, em vez de usar aquela camisola de mangas compridas que deixa *tudo* à imaginação. Estão cerca de 27 graus lá fora. Devia ter vestido algo menos apropriado para um convento.

Um casal sentado noutra mesa levanta-se e passa por nós rumo à saída. Reparo que a Fallon desvia a cabeça e deixa o cabelo cair-lhe sobre o rosto como um escudo protetor. Nem sei se se apercebe que o faz. Parece uma reação natural tentar cobrir o que encara como defeitos.

É provável que seja por isso que usa uma camisola de mangas compridas. Impede que as pessoas vejam o que está por baixo.

E é evidente que este pensamento me conduz de volta aos seus seios. Terão também cicatrizes? Quanto do corpo terá sido afetado?

Começo a despi-la mentalmente, e não de um modo sexual. Estou apenas curioso. *Deveras* curioso, pois não consigo parar de olhar para ela, o que não é habitual em mim. A minha mãe educou-me para ter mais tato, mas o que não me conseguiu ensinar é que haveria raparigas como esta que testariam as minhas maneiras pela sua mera existência.

Passa um sólido minuto, talvez dois. Como a maior parte das batatas fritas, continuando a mirá-la. Não parece chateada. Não parece assustada. Neste momento, não tenta esconder as cicatrizes que tenta esconder de todos com urgência.

O seu olhar desce lentamente até à minha camisola. Olha por momentos para esta, desvia o olhar para os meus braços, os meus ombros e o meu rosto. Para quando chega ao meu cabelo.

— Onde foste esta manhã?

A pergunta é incrivelmente aleatória e faz com que eu pare de mastigar. Pensei que a primeira pergunta que me faria seria por que razão interferi na sua vida pessoal. Tomo um momento para engolir, beber, limpar a boca e depois recostar-me na cabine.

— O que queres dizer com isso?

Aponta para o meu cabelo.

— Tens o cabelo desgrenhado.

Aponta para a minha camisola.

— É a mesma camisola que vestiste ontem.

O seu olhar cai para os meus dedos.

— Tens as unhas limpas.

Como sabe que estou a usar a mesma camisola que vesti ontem?

— Então e porque saíste à pressa de onde quer que tenhas acordado esta manhã? — pergunta-me.

Olho para a minha camisola e depois para as unhas. *Como sabe ela que saí à pressa esta manhã?*

— As pessoas que não se preocupam consigo mesmas não têm unhas tão limpas como as tuas — diz ela. — Contradiz a nódoa de mostarda na tua camisola.

Olho para a camisola. Para a nódoa de mostarda que só reparei agora.

— O teu hambúrguer tem maionese. E uma vez que é raro alguém comer mostarda ao pequeno-almoço, e que comes a tua comida como se não comesses desde ontem, é provável que a nódoa seja de algo que tenhas comido ontem à noite. E é evidente que hoje não te viste ao espelho, pois não sairias de casa com o cabelo assim. Tomaste banho e adormeceste sem secar o cabelo? — Ela toca no longo cabelo e agita-o entre os dedos. — Um cabelo tão forte como o teu fica em pé quando se dorme sobre ele molhado. Fica impossível de arranjar sem um novo banho — continua, debruçando-se. — Como é que a parte da *frente* do teu cabelo ficou tão levantada? Dormes de barriga para baixo ou algo assim?

O que é ela? Uma detetive?

— Eu... — olho para ela com descrença. — Pois, durmo de barriga para baixo. E estava atrasado para as aulas.

Ela assente com a cabeça, como se de alguma maneira já o soubesse.

O empregado de mesa aparece com um novo prato e enche o seu copo com água. Ele abre a boca como se lhe quisesse dizer alguma coisa, mas ela não lhe presta atenção. Ainda olha para mim, mas murmura-lhe um «obrigada».

Ele parece prestes a ir-se embora, mas, antes de o fazer, para e volta-se para ela. Entrelaça as mãos, obviamente nervoso por lhe perguntar o que quer que fosse que estava para sair da sua boca.

— Então hum. Donovan O’Neil? É o seu pai?

Ela olha para o empregado com uma expressão impassível.

— Sim — responde secamente.

O empregado sorri e tranquiliza-se com a resposta.

— Uau — diz ele, abanando a cabeça fascinado. — Que espetacular ter Max Epcott como pai!

Ela não sorri, nem vacila. Nada no seu rosto indica que seja uma pergunta que já ouviu um milhão de vezes. Espero uma resposta

sarcástica, pois, com base no modo como respondeu aos comentários insensíveis do pai, não há maneira de o empregado sair daqui ileso.

Mesmo quando penso que está prestes a revirar os olhos, liberta um suspiro reprimido e sorri. — É completamente surreal. Sou a filha mais sortuda do mundo.

O empregado sorri de orelha a orelha.

— Isso é tão fixe.

Quando se vira para se ir embora, ela volta a dirigir-me a sua atenção.

— Que tipo de aulas? — pergunta.

Levo algum tempo a processar a pergunta, pois ainda tento processar a treta que pregou ao empregado. Quase que a questiono sobre isso, mas penso duas vezes. Decerto que lhe é mais fácil responder às pessoas o que esperam ouvir, em vez da verdade pura e dura. Isso, e é provavelmente a pessoa mais leal que conheci, uma vez que não estou certo de que conseguisse dizer essas coisas sobre o homem se fosse meu pai.

— Escrita criativa.

Lança-me um sorriso atencioso e pega no garfo.

— Eu sabia que não eras ator.

Come um pedaço de salmão, e antes de engolir a primeira dentada, já corta mais um pedaço. Os minutos seguintes são passados em completo silêncio enquanto ambos acabamos de comer. Como tudo o que tenho no prato, mas ela empurra o dela para a frente antes de chegar a meio.

— Diz-me uma coisa. — Ela inclina-se sobre a mesa. — Porque é que achaste que precisava que viesses em meu auxílio com aquela treta de seres meu namorado?

Aí está. Está chateada comigo. De certa maneira, pensei que estivesse.

— Não achei que precisasses de ajuda. É só que por vezes é-me difícil controlar a indignação na presença do absurdo.

Ela franze as sobrancelhas.

— És mesmo escritor, pois quem mais fala assim?

Rio-me.

— Peço desculpa. Acho que apenas quero dizer que consigo ser um idiota temperamental e devia era ter-me metido na minha vida.

Ela tira o guardanapo do colo e põem-no no prato. Encolhe um dos ombros.

— Não me importei — diz com um sorriso. — Até foi engraçado ver o meu pai assim tão perturbado. Nunca antes tive um namorado a fingir.

— Nunca antes tive um namorado *verdadeiro* — respondo.

Ela olha para o meu cabelo.

— Acredita em mim, isso é óbvio. Nenhum homossexual que eu conheça sairia de casa com esse aspeto.

De certa maneira, fico com a impressão de que não se importa com o meu aspeto como deixa transparecer. Estou certo de que já recebe a sua quota-parte de discriminação física, pelo que considero difícil acreditar que coloque a aparência física no topo da sua lista de prioridades.

— Deseja troco? — pergunta o empregado.

Ela gesticula para que se vá embora.

— Pode ficar com ele.

O empregado limpa a mesa e, quando se vai embora, nada há entre nós. O final iminente do almoço deixa-me a sentir um pouco transtornado, uma vez que não sei bem o que lhe dizer para que fique mais um pouco. A rapariga vai mudar-se para Nova Iorque e provavelmente não a verei mais na vida. Não sei por que motivo essa ideia me deixa ansioso.

— Portanto — diz ela —, acabamos agora a nossa relação?

Rio-me, ainda que tente discernir se ela tem uma incrível e inexpressiva sagacidade, ou se não tem personalidade nenhuma. Existe uma linha ténue entre ambas, mas aposto que é a primeira. Seja como for, espero que seja.

— Não nos namoramos nem há uma hora e já queres acabar comigo? Não sou muito bom nesta coisa de ser namorado?

Ela ri-se.

— Talvez bom demais. Para ser franca, até me assusta um pouco. É este o momento em que quebras a derradeira ilusão do namorado e me dizes que engravidaste a minha prima quando demos um tempo?

Não consigo deixar de rir novamente. *Sem dúvida, uma incrível sagacidade.*

— Não a engravidei. Já estava grávida de sete meses quando fomos para a cama.

Atinge-me os ouvidos uma contagiosa explosão de riso, e nunca antes me senti tão agradecido por ter um sentido de humor bonzinho. Não vou deixar que esta rapariga me saia da vista até conseguir extrair dela mais três ou quatro daquelas gargalhadas.

A gargalhada desvanece, seguindo-se um sorriso na cara. Ela olha para a porta.

— Chamas-te mesmo Ben? — pergunta, voltando o olhar para o meu.

Assinto com a cabeça.

— Qual é a coisa de que mais te arrependes na vida, Ben?

Estranha pergunta, mas entro na onda. A estranheza parece algo normal nesta rapariga, e não importa que nunca diga a *ninguém* o meu maior arrependimento.

— Acho que ainda não aconteceu — minto.

Ela olha para mim com atenção.

— És um ser humano decente, certo? Nunca mataste ninguém?

— Até agora.

Ela retrai um sorriso.

— Então se hoje passarmos mais tempo juntos, não me vais assassinar?

— Só se for em autodefesa.

Ela ri-se e em seguida mete a mão na bolsa. Mete-a por cima do ombro e levanta-se.

— Que alívio. Vamos ao Pinkberry e podemos acabar enquanto comemos sobremesa.

Detesto gelado. Detesto iogurte.

Detesto *sobretudo* iogurte a fingir ser gelado.

Mas macacos me mordam se não pego no meu portátil e nas minhas chaves e a sigo para onde quer que me queira levar.

* * *

— Como é que vives em Los Angeles desde os 14 anos e não puseste o pé dentro do Pinkberry? — Quase parece ofendida. Vira-me as costas para estudar outra vez as coberturas. — Ao menos já ouviste falar do Starbucks?

Rio-me e aponto para os ursinhos de goma. O empregado mete uma colherada no meu copo.

— Praticamente vivo no Starbucks. Sou um escritor. É um rito de passagem.

Está à minha frente na fila, à espera da nossa vez para pagar, mas olha para o meu copo com repugnância.

— Meu Deus, não podes vir ao Pinkberry e comer apenas coberturas — diz, olhando para mim como se eu tivesse matado um gato. — Por acaso és um ser humano?

Reviro os olhos e dou-lhe uma palmadinha no ombro para que se vire para mim.

— Para de me censurar ou acabo contigo antes de encontrarmos mesa.

Tiro uma nota de 20 dólares da carteira para pagar a nossa sobremesa. Avançamos pela geladaria lotada, mas não há mesa livre. Ela dirige-se à porta, pelo que a sigo até ao exterior, caminhando pelo passeio até ela encontrar um banco vazio. Senta-se de pernas cruzadas e põe o copo no colo. É a primeira vez que olho para o seu copo e percebo que não pôs qualquer cobertura.

Olho para o meu copo, só com coberturas.

— Eu sei — diz ela, rindo. — *O que não mata...*

— *Engorda* — termino.

Ela sorri e come uma colherada. Puxa a colher para fora e lambe o gelado de iogurte no lábio inferior.

Não esperava que isto me acontecesse hoje. Estar sentado diante desta rapariga, vendo-a lamber o gelado dos lábios e tendo de engolir ar para garantir que respiro.

— Então és escritor?

A pergunta dá-me a base necessária para sair da casca. Assinto.

— Espero vir a ser. Nunca o fiz em termos profissionais, pelo que não sei se já me posso chamar escritor.

Ela revira-se até ficarmos cara a cara e põe o cotovelo na parte de trás do banco.

— Não é preciso um salário para *validificar* a condição de escritor.

— *Validificar* não é sequer uma palavra.

— Vês? Eu nem isso sei. É evidente que és escritor. Com salário ou não, vou chamar-te escritor. Ben, «o Escritor». É assim que me vou referir a ti daqui em diante.

Rio-me.

— E como me devo referir a ti?

Ela mastiga a ponta da colher durante uns segundos, com os olhos semicerrados em contemplação.

— Boa pergunta. De momento estou numa fase de transição.

— Fallon, «a Transitória» — sugiro.

Ela sorri.

— Pode ser.

Encosta-se ao banco quando olha em frente. Descruza as pernas, deixando que os pés cheguem ao chão.

— Então e que género de escrita queres fazer? Romances? Argumentos?

— Espero que tudo isso. Não me quero impor quaisquer limites, apenas tenho 18 anos. Acho que quero tentar tudo, mas a paixão são, sem dúvida alguma, os romances. E poesia.

Sai um suspiro silencioso da sua boca antes de comer mais uma colherada. Não sei bem como, mas parece que a minha resposta a entristeceu.

— E tu, Fallon, «a Transitória», qual é o teu objetivo de vida? Olha-me de soslaio.

— Estamos a falar de objetivos de vida ou de paixões?

— Não vejo grande diferença.

Ri-se com desapego.

— Há uma grande diferença. A minha paixão é a representação, mas não é bem o meu objetivo de vida.

— Porque não?

Estreita o olhar na minha direção antes de o baixar novamente para o copo com gelado de iogurte. Começa a remexê-lo com a colher. Desta vez, suspira com o corpo inteiro, como se se desmornasse.

— Sabes, Ben, fico contente pela simpatia que tens demonstrado desde que somos um casal, mas podes parar de representar. O meu pai não está aqui para assistir.

Eu estava prestes a comer mais um pouco, mas a minha mão petrifica antes de chegar à boca.

— Mas o que quer isso dizer? — pergunto, perplexo com a queda que esta conversa acabou de sofrer.

Ela espeta a colher no iogurte antes de se debruçar e atirá-lo para o caixote do lixo a seu lado. Puxa uma perna para cima e envolve-a com os braços, voltando-se de novo para mim.

— Não sabes mesmo qual a minha história ou finges não saber?

Não sei ao certo a que história se refere, pelo que abano levemente a cabeça.

— Neste momento estou bastante confuso.

Ela suspira. Outra vez. Acho que nunca fiz uma rapariga suspirar tanto em tão pouco tempo. E não são o género de suspiros que façam um homem sentir-se bem com as suas habilidades. São o género de suspiros que o fazem pensar o que raio está a fazer de mal.

Ela belisca um pedaço de madeira solta na parte de trás do banco. Concentra-se na madeira como se falasse, não para mim, mas para ela.

— Tive muita sorte aos 14 anos. Consegui um papel no programa Gumshoe, um cruzamento *kitsch* e adolescente entre Sherlock Holmes e Nancy Drew. Fui protagonista durante um ano e meio e começava a correr muito bem. Mas depois aconteceu *isto* — diz, apontando para a cara. — Cancelaram-me o contrato. Substituíram-me e desde então que não represento. É, portanto, isso que quero dizer quando afirmo que objetivos e paixões são coisas distintas. A representação é a minha paixão, mas, como disse o meu pai, deixei de ter as ferramentas necessárias para alcançar o meu objetivo de vida. Por isso, vou procurar um objetivo novo em breve, a não ser quer aconteça um milagre em Nova Iorque.

Nem sei bem o que dizer quanto a isso. Agora olha para mim, à espera de uma resposta, mas não consigo pensar numa rápida o suficiente. Ela descansa o queixo no braço e olha em frente por detrás de mim.

— Não sou muito bom em discursos motivacionais *in loco* — digo-lhe. — Por vezes, durante a noite, escrevo conversas que tive durante o dia, mas altero-as para que reflitam tudo aquilo que esperava ter dito no momento oportuno. Quero que saibas que hoje à noite, quando puser esta conversa no papel, escreverei algo heroico que te fará sentir bem em relação à tua vida.

Deixa cair a testa no braço e ri-se. Ver aquilo faz-me sorrir.

— Essa é de longe a melhor resposta que alguma vez recebi em relação àquela história.

Debruço-me para a frente para atirar o meu copo ao lixo por detrás dela. Foi o mais perto que estive dela desde que nos sentámos juntos na cabine. Todo o seu corpo se entesa com a minha proximidade. Em vez de recuar de imediato, olho-a diretamente nos olhos antes de me concentrar na sua boca.

— É para isso que servem os namorados — digo, enquanto me afasto dela lentamente.

A história de um amor capaz de curar e renovar a vida.

O dia 9 de novembro

No último dia de Fallon em Los Angeles, a sua vida cruza-se com a de Ben e os dois apaixonam-se perdidamente.

A química que os une é tão forte e incontrolável que, apesar de Fallon estar a caminho de Nova Iorque, os dois prometem encontrar-se novamente.

Os reencontros

Durante cinco anos, sempre no dia 9 de novembro, Fallon e Ben encontram-se para construírem a sua história de amor, entre as várias relações e atribulações das suas vidas separadas.

Apesar de só estarem juntos uma vez por ano, os dois envolvem-se cada vez mais e partilham um amor pleno de entrega, paixão e intensidade, capaz de os transformar e de sarar cicatrizes profundas.

Cinco anos depois

Fallon descobre que Ben carregou um enorme segredo durante cinco anos. O choque e a desilusão tomam conta do coração da jovem, devastada com a possibilidade de tudo ter sido uma farsa.

Estarão os dois preparados para aceitar que as histórias de amor nem sempre têm um final feliz? Ou será Fallon capaz de perdoar o homem que ama?

O passado, o presente e o futuro cruzam-se
num livro arrebatador e envolvente.

Leia os outros emocionantes livros da autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-42-7



9 789898 849427

Ficção Romântica